

# “Identidades”, moda e arte- educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade

*“Identities”, fashion and art education: guiding  
gender diversity in postmodernity*

*“Identidades”, moda y educación artística: guiar  
la diversidad de género en la posmodernidad*

Roney Gusmão

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

E-mail: roney@ufrb.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0104-047X>

## RESUMO:

Neste trabalho pretende-se tensionar a relação identidade-moda-gênero-arte/educação, de modo a se observar as possibilidades subversivas apresentadas à prática pedagógica recente. Neste debate, interessa ao autor pensar como os marcadores visuais de identidade, propostos pela moda na pós-modernidade, ajudam a profanar o essencialismo e a entender os deslocamentos suscitados pela recente profusão imagético-discursiva. Para desenvolvimento deste estudo, buscou-se aproximar os debates epistemológicos em torno destas categorias em relação à prática pedagógica, de modo a criar pistas para uma arte-educação emancipatória na esteira do tempo pós-moderno. Finalmente, algumas possibilidades de trabalho em arte-educação são mencionadas, pelo intuito de levar em conta alternativas contestatórias da sociedade atual.

**Palavras chave:** *Arte-educação. Pós-modernidade. Moda. Identidade. Gênero.*

## ABSTRACT:

In this work we intend to tension the identity-fashion-gender-art/education relationship, in order to observe the subversive possibilities presented to the recent pedagogical practice. In this debate, we are interested in thinking about how the visual markers of identity, proposed by fashion in postmodernity, help to desecrate essentialism and to understand

---

GUSMÃO, Roney. “Identidades”, moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

232

the shifts brought about by the recent profusion of imagery and discourse. For the development of this study, we approach epistemological debates around these categories in relation to pedagogical practice, in order to create clues for an emancipatory art-education in the wake of postmodern time.

**Keywords:** *Art-education. Postmodernity. Fashion. Identity. Gender.*

#### RESUMEN:

En este trabajo pretendemos tensar la relación identidad-moda-género-arte/educación, con el fin de observar las posibilidades subversivas que presenta la práctica pedagógica reciente. En este debate nos interesa reflexionar sobre cómo los marcadores visuales de identidad, propuestos por la moda en la posmodernidad, ayudan a profanar el esencialismo y a comprender los desplazamientos provocados por la profusión reciente de imaginería y discurso. Para el desarrollo de este estudio, abordamos los debates epistemológicos en torno a estas categorías en relación con la práctica pedagógica, con el fin de generar pistas para una educación-arte emancipadora en la estela de la posmodernidad.

**Palabras clave:** *Arte-educación. Posmodernidad. Moda. Identidad. Género.*

Artigo recebido em: 12/05/2021  
Artigo aprovado em: 11/07/2022

## Introdução

Neste artigo, propomos analisar os desafios pautados à arte-educação no contexto pós-moderno, sobretudo no que tange aos debates em torno das identidades. Num cenário de amplidão de apelos imagéticos, estudantes são mergulhados em formas de sociabilidade altamente mediadas pela estética e pela transitoriedade, que, numa configuração recente, colapsa ideias essencialistas e universalistas sobre identidades.

---

GUSMÃO, Roney. "Identidades", moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

Também nessa realidade contemporânea, os espaços formais de educação se apresentam tracejados pela força transitiva das imagens e dos discursos, podendo servir para estimular a existência e resistência fora do racionalismo etnocêntrico estruturante das sociedades modernas. Portanto, é encarando esta realidade de desafios que temos realizado pesquisas<sup>1</sup> nestes últimos anos, considerando a prática pedagógica dentro dos desdobramentos históricos recentes.

Para tanto, interessa-nos aqui pautar a diversidade de gênero, levando em conta os signos visuais de identidade, sobretudo aqueles articulados à moda, como potência discursiva que desarticula fronteiras e torna o corpo protagonista do desejo legítimo de aparecer na cena pública. Com isso, esta abordagem é iniciada pela caracterização histórica do tempo pós-moderno e pelo aprofundamento epistemológico em alguns conceitos que muito nos tem interessado pesquisar. Em seguida, observamos a transitividade das identidades pós-modernas, que têm a moda como aliada na desestabilização de fronteiras e no *hackeamento* das relações de poder no campo simbólico. Finalmente, tratamos das temáticas em torno do gênero que, na mediação teórico-metodológica em arte-educação, nos ajuda a transcender essencialismos identitários e rasurar os regimes de normalidade.

## **Identidades (i)legíveis no mundo pós-moderno**

Entendemos pós-modernidade como período posterior à Segunda Guerra Mundial, marcado pelo avanço das tecnologias informacionais, profusão de imagens, estetização da vida cotidiana e ampliação do capitalismo financeiro em articulação com a ideologia neoliberal. Estes elementos se somaram a processos já em curso na sociedade, como o desprestígio das metanarrativas (LYOTARD, 1988) e o progressivo recrudescimento do individualismo<sup>2</sup>. Por conseguinte, observou-se uma explosão de imagens que estilizam corpos-discursos com um hiperindividualismo, amplificando à máxima potência o desejo de exprimir singularidades. Para auxiliar este desejo de singularização, a estética se apresenta como importante modo de autocomposição identitária e como amálgama nas relações sociais (MAFFESOLI, 1998). É também por meio da aparência que se cria a possibilidade de movimentar entre múltiplas filiações e, por conseguinte, apresentar visualmente o caráter

---

GUSMÃO, Roney. “Identidades”, moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

fluido das subjetividades. Neste contexto de pós-modernidade, tem-se a oportunidade de recorrer a um largo repertório de utensílios, roupas, lugares e acessórios para estilização do corpo e (re)construção de linguagens que (re)adquirem significados nas relações sociais.

Maffesoli (1998) adverte que muitos dos pesquisadores, preocupados com a individualidade pós-moderna, recaem em velhos estereótipos saudosistas que lamentam a corrosão dos modos convencionais de sociabilidade e solidariedade. O autor chama atenção para o fato de que a estética integra a sociabilidade pós-moderna, apresentando-se como abertura ao outro e alternativa de apresentação individual pelo intermédio de uma linguagem comum. Isso que o autor chama de “áurea estética” na sociedade pós-moderna não se subordina a uma racionalidade de fim específico e, por isso, não se reduz à simples lógica de dominação. Até mesmo ao imitar os estilos e tendências de moda, os sujeitos recriam seus significados quando revisitam seus signos a partir de linguagens próprias de subgrupos. Por isso, é certo dizer que o desejo de individualização e singularidade coexiste com a vontade de articular uma linguagem cifrada de um grupo social, fato que torna o binômio dominantes/dominados insuficiente para compreender a complexidade das relações no tempo pós-moderno.

Ao enxergar o individualismo pós-moderno com certo otimismo, Maffesoli (1998) confronta modelos de percepções convencionais, e sugere tratá-lo como um “fazer com os outros”, isto é, o autor recomenda pautar o individualismo como desejo pessoal de estilização das linguagens comuns aos grupos. É neste processo que a estética se apresenta como importante aliada da sociabilidade pós-moderna, servindo de encorajamento à visibilização de subjetividades e enlaçamento do “eu” aos códigos sociais de linguagem. É útil salientar que até mesmo movimentos contra-hegemônicos recentes se servem da estética como potência política de corpos em visibilidade obstinada, visto que, pela aparência, cria-se a possibilidade de agenciar linguagens reconhecíveis e transitar seus significados em modos desviantes de apropriação pelo corpo. Admitindo possibilidades de ressonâncias políticas da estética, Jameson (1994) argumenta sobre o fato de que, muito diferente da imposição cultural colonizatória do modernismo essencialmente europeu, na pós-modernidade tem se observado uma dominação cultural assegurada tanto pela criatividade interna como pela influência externa. Logo, no contexto pós-moderno, como salienta Ranciere (2005), exalta-se a mestiçagem e as hibridações, o que, a nosso ver, eleva a força política da estética.

Crane (2006) observa que, nas sociedades pré-industriais, a forma de vestir era muito precisa no que se refere à posição social do indivíduo. O vestuário revelava não só a classe social e o gênero, mas também a profissão, a religião e a origem regional das pessoas. A autora lembra que a industrialização progressiva criou uma estratificação social tamanha que os usos e signos do vestuário mudaram radicalmente. No capitalismo pós-guerra, que aqui chamamos de pós-moderno, a produção em larga escala do *prêt-à-porter* embaralhou marcadores de classe social, massificando as tendências de moda para além da alta costura. Sendo assim, é neste cenário que a vestimenta deixou de ser um elemento visual suficientemente divisor de classe como outrora, pois na pós-modernidade os distintivos de moda aderidos ao corpo compõem amplos circuitos do capital para além de nichos restritos do mercado. Ademais, a própria produção em larga escala e ampliação das redes de varejo popularizaram tendências de moda em quase simultaneidade com os códigos visuais em voga. No cenário pós-moderno, a transitoriedade de tendências se tornou tamanha que o pastiche e a moda das ruas ganharam grande relevo, ajudando na descentralização dos polos produtores e na desarticulação de hierarquias simbólicas.

Enquanto marcadores sociais foram gradualmente rasurados na pós-modernidade, os marcadores de gênero pela vestimenta passaram a ter prioridade em relação a outras informações sociais. Obviamente, é útil ponderar que entre final do século XIX e início do século XX, no tempo ainda chamado de moderno, já se observava a eclosão de deslocamentos simbólicos de gênero pela vestimenta, favorecida pela inserção de mulheres no mercado de trabalho: calças, gravatas, cortes de cabelo e chapéus, por exemplo, contribuíram para desestabilizar fronteiras visuais de gênero, ajudando mulheres a usurparem a autoridade masculina no campo sígnico. Durante a Segunda Guerra, as mulheres do norte-global passaram a ocupar postos de trabalho fora de casa e articularam o universo simbólico a seu favor, fronteiras foram de tal modo deslocadas que já se pavimentava um caminho irreversível de luta por direitos de igualdade. Tanto é verdade que, chegada a pós-modernidade, muitos dos marcadores visuais de gênero já tinham sido superados, permanecendo outros tantos que progressivamente também têm sido alvos recentes de transgressão simbólica.

Nesta análise é preciso considerar que muitos são os atores pós-modernos que contribuem para infração destes marcadores visuais de gênero. Do ponto de vista mais intelectual e político, cita-se a grande contribuição do feminismo de terceira onda, que, desde início dos anos 1990, tem suplementado debates em torno da diversidade sexual e passado a admitir o quão crítico se tornou o conceito de identidade quando este é especialmente aplicado ao gênero. Em paralelo, vale lembrar das muitas faces de movimentos LGBTQIA+, que, nestas últimas décadas, têm adquirido forte notoriedade, inclusive, nos espaços virtuais de sociabilidade e pondo em questão as redutivas demarcações pelo binarismo. Assim, esta espetacularização da vida comum em redes sociais, bem como a hibridização de estilos e tendências estéticas, acentuaram a produção de deslocamentos que embaralham fronteiras, a despeito da perpetuação dos marcadores de gênero pela vestimenta.

No que diz respeito à profusão de imagens na pós-modernidade, é possível citar o papel de celebridades contemporâneas (seja no cinema, na música ou no esporte) que frequentemente irrompem com convenções e deslocam significados. Craques do futebol que se assumem metrossexuais, divas pop que brincam com peças do vestuário masculino ou galãs do cinema que rompem com a estética viril do macho convencional foram figuras muito presentes no imaginário da juventude no final do século XX e, mais ainda, neste primeiro quartel do século XXI. Neste processo de espetacularização, o corpo célebre da estrela é aderido a um imenso circuito de mercadorias, com tamanha abundância de imagens que ambiguidades dos seus dizeres desmontam discursos essencialistas de identidade e atestam a transitividade como regra da vida pós-moderna.

Desse modo, para refletirmos sobre os sujeitos no período pós-moderno, é preciso levar em conta o fato de que esses apelos estéticos carregados de afeto invadiram a vida comum e, longe de definirem condutas, contribuíram para engrossar a oferta de uma miscelânea de possibilidades de identificação. Assim, tão logo os sujeitos queiram impregnar seus corpos com linguagens e, por elas, esboçar sua articulação afetiva com o grupo social, deparam-se com uma infinidade de combinações estéticas, que ajudam na reprodução e, ao mesmo tempo, na reinvenção dos códigos sociais. Ao mesmo tempo que esta composição de si pela estetização do corpo cria uma sensação de filiação e continuidade, os sujeitos pós-modernos não mais se sentem coagidos a manter fidelização ortodoxa ao grupo, muito pelo contrário, cambiam seus desejos e referenciais de tal modo que as identidades têm se apresentado cada vez mais movediças.

A modernidade líquida de Bauman (2001) não é pura abstração, ela reside na subjetividade dos sujeitos pós-modernos, cujos laços, filiações, referências são marcados pela efemeridade que colapsa a noção de longo prazo e hipertrofia o instante presente. De fato, os atributos normalmente associados ao comportamento pós-moderno (inclui-se o hedonismo, a frivolidade das experiências estéticas e a efemeridade de filiações socioculturais) convergem, de algum modo, para isso que alguns teóricos chamam de hiperpresentismo, isto é, ao desejo de articulações ao aqui e agora, sem grandes pretensões futuras e sem grandes rigores com aquelas macroestruturas de pensamento que Lyotard (1988) chamou de metanarrativas. Este atributo pós-moderno é, na verdade, muito relacionado ao contexto do pós-Segunda Guerra, tão bem ilustrado pela crise de paradigmas, pela perda de referências, pela dissolução do longo prazo e morte das utopias. A pós-modernidade, portanto, nasceu da crise e, por isso, se afigurou como tempo inacabado e como conceito impreciso, cujo contexto desestabilizou todas as certezas sobre *o homem*<sup>3</sup> e seus essencialismos.

Num olhar estigmatizador nostálgico condenaríamos a pós-modernidade como era da corrosão moral de uma sociedade entregue à frivolidade da aparência e ao entorpecimento dos prazeres. Argumentos nesta direção são estruturados pelos mesmos dualismos cartesianos que pretenderam divorciar a suposta essência da aparência e que, insuflados pelo platonismo, defenderam a pureza da essência, em detrimento das superficiais aparências. No entanto, em oposição a argumentações duais desta natureza, defendemos o fato de que polos precisam ser reatados, o que garantiria uma visão mais bem articulada e tolerante sobre o todo. Quando se divorcia essência da aparência, defende-se um essencialismo ideal, isto é, flerta-se com a ótica platônica de um universo imaterial resguardado da mácula material, o que pressuporia um sujeito essencial anterior ao discurso. Esta ideia vilipendia as condições concretas que sustentam a diversidade na prática social à medida que sugere a transferência da cultura, da moral ou da razão para um lugar metafísico. Demarcações deste tipo ajudaram a sustentar ideias etnocêntricas e justificar algumas das mais infelizes táticas de dominação e extermínio de civilizações. O essencialismo aqui problematizado também serviu para estruturar grande parte da prática pedagógica de origem modernista, organizada para civilização dos sujeitos na órbita de um referencial singular e universal de cultura, de ética, de arte, de *homem*...

---

GUSMÃO, Roney. "Identidades", moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

Esse essencialismo ignora o contexto, a diversidade, o corpo e a contradição como atributos humanos, pois mitifica a racionalidade como faculdade preponderante do *homem* ideal. Assim, de outra maneira, quando a crise desta razão descartiana se mostrou aguda em meados do século XX, quando, sobre os destroços de corpos mutilados de duas Grandes Guerras e sobre os escombros do *ethos* burguês segregador se erigiram os indícios de uma *pós* (-modernidade), o devir humano parecia se tornar, finalmente, um contraponto necessário à hegemonia da razão monolítica. O corpo começou a despontar como vetor fundamental de emergência das “identidades” de grupos segregados, os prazeres no presente se vingaram do produtivismo moderno e a experiência estética adquiriu feição de luta política.

Esse cenário histórico caótico do qual nasceu a pós-modernidade inspirou Maffesoli (2003) a suspeitar de um retorno do dionisíaco, ilustrado pela emersão dos prazeres, do gozo e da vontade de vivenciar o aqui e agora fora do *telos* modernista. O dionisíaco se apresenta como força pulsante do desejo de estar aderido ao coletivo que, segundo o autor, se apresenta como impulso ao usufruto da imagem, do estético, do corpo em desobediência à razão. Para Maffesoli (2003), o dionisíaco se expressa como predileção pelo belo, o que, no campo da cotidianidade, serve para suturar o sujeito ao meio e, portanto, demolir as certezas teleológicas, sobrepondo-as pelo apreço ao devir. A força dionisíaca<sup>4</sup>, como emerge na pós-modernidade, retira a estética do lugar secundário, atravessa as relações sociais pelo paradigma do belo e, por conseguinte, acentua sua relevância política. É útil adiantar que não estamos defendendo a estética como força incondicionalmente subversiva, já que a mediação da educação é aqui compreendida como elemento fundamental para fazer da aparência não um lugar de exclusão e normalização, mas, sim, um meio de inclusão das diversidades e integração de alteridades.

A área estética de que trata Maffesoli (1998) é parte de um jogo simbólico complexo que serve não apenas para manutenção de signos outrora valorados, mas também para sua desconstrução e deslocamento. A realidade de antagonismos que se afigura na pós-modernidade pode ser aqui traduzida como um desejo, não de anular a razão, mas, sim, de defender uma razão plural, que admita a contestação e considere a complementariedade dos dualismos. A defesa é pelo fato de que o dionisíaco nos ajude a reatar o que a razão monolítica cartesiana tentou separar, de modo que se rompa com hierarquias e se crie condições favoráveis ao diálogo e à emancipação. A razão

---

GUSMÃO, Roney. “Identidades”, moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>



modernista, de fato, deixou um legado de exclusão e opressão que precisa ser posto em questão não mais pelas velhas metanarrativas<sup>5</sup>, mas por uma racionalidade multiforme e aberta à reconstrução. A oportunidade que se vislumbra é de levar em conta os processos inacabados da modernidade, reivindicando suas conquistas segundo pautas dos grupos que, até então, não foram nela incluídos.

Desse modo, quando se pensa nas bases estruturantes da pós-modernidade, leva-se em conta que as assimetrias que instituem suas temporalidades impactaram diretamente a forma como os sujeitos estabelecem vínculos sociais e afetivos, bem como no modo como suas subjetividades são enviesadas ao tráfego de discursos e significados sociais. Pensar em identidades, por exemplo, se tornou tarefa das mais complexas, uma vez que hoje requer considerar o quanto a perda de convicções criou fissuras em filiações que, até muito recentemente, se pareciam tão sólidas. Do ponto de vista teórico, o pensamento pós-estruturalista, contemporâneo da pós-modernidade, nos alerta sobre a morte do sujeito legado pelo Iluminismo e nos adverte sobre a precariedade do conceito de identidade. Se quisermos falar de identidade como continuidade ou como filiação a um todo social, precisamos assumir o quão caótica poderá ser nossa análise, afinal os atravessamentos trincaram de tal modo sua unidade conceitual que até mesmo os bem-intencionados pesquisadores sobre o tema ficam sujeitos a sua imprecisão.

Como prova do que afirmamos, basta lembrar como a transitoriedade do paradigma estético é expressão da complexa vida pós-moderna e, contrariamente ao que nos diz o pensamento dual cartesiano, demonstra como a aparência, a externalidade e a estética estão imbricadas nas subjetividades. Essas paradoxais identidades pós-modernas agenciam signos visuais de pertencimento, aderem-se a marcadores empíricos que são reclamados como modos de anunciar articulações transitórias ao grupo social. Esta ideia se alia às novas sociabilidades de que tratamos, cuja lógica se assenta na coexistência entre o desejo de singularização e o desejo de adesão ao coletivo. No retorno do dionisíaco, a estética se apresenta como amálgama das identidades momentâneas, que reclamam os marcadores visuais de pertencimento como possibilidades de transmutar seus dizeres e recodificar suas linguagens.

---

GUSMÃO, Roney. "Identidades", moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

O que ocorre nas discussões mais recentes sobre o gênero pode nos ajudar a entender a complexidade do que ainda chamamos de identidade. Para Butler (2020), o gênero se apresenta em forma de reiteração de atos que criam uma sensação de estabilidade e continuidade e, se estes atos contam com o suporte de um sistema de valores reificados em coisas que lhe servem de agenciamento, logo, podemos deduzir que esta mesma performatividade do gênero é deslocável, fato que nos ajuda a alargar a discussão e entender como é inexato pensar na identidade como perenidade estática. A pertinência da percepção butleriana se justifica pela possibilidade de entender a identidade sempre dentro do discurso, isto é, como construção social sujeita a transitividade. Quando defende uma “ontologia de gerúndios”, Butler (2020) nos lembra que identidades sempre são incompletas, cujo ideal regulador nunca se consuma, mas é infinitamente adiado no discurso. De igual modo, a precariedade do conceito de identidade reside no fato de que os gerúndios desregulam sua permanência e sabotam suas certezas.

Se associarmos esta análise ao contexto pós-moderno, tão marcado pela profusão de imagens, pela difusão de infinitos estímulos de adesão identitária e caracterizado pela perda de referenciais sólidos, logo poderíamos supor, com otimismo, uma maior propensão dos sujeitos pós-modernos em admitir outros tantos trânsitos fora dos pretenciosos universalismos identitários. A moda ou a arte, por exemplo, se apresentam como interessantes meios de reposicionamento de significados e, conseguinte, revisão dos critérios de legibilidade dos corpos. É também pelo corpo e pela ressignificação do estético na vida cotidiana que grupos contra-hegemônicos ganharam ruas e, ao reivindicarem o jogo de significados pela imagem, suplementaram a transferência da identidade da esfera substancial para o performativo.

Esta defesa pode contar com a própria profusão imagética que tanto marca a sociedade pós-moderna, de modo que a bricolagem de vestimentas, acessórios, linguagens, performances e ambiências ajudem a desconstruir o racionalismo monolítico que condena os corpos destoantes à invisibilidade. É nesta direção que são criadas alternativas de contestação pelo direito político de aparecer, de modo que as fronteiras no campo da aparência sejam borradas e, assim, produzam ressonância política. Os fluxos estéticos, neste contexto, se traduzem como força política contestatória, porque aderem novos significados ao corpo e resignificam os códigos de inteligibilidade.

## Visibilidades e transgressões na arte-educação pós-moderna

Existe um amplo debate empenhado em aproximar os conceitos de arte e moda. Apesar dos tensionamentos epistemológicos e dos aspectos que os distanciam, interessa-nos pautar neste texto o ponto crucial de convergência entre a arte e a moda, ou seja, a exibição. Ambas, arte e moda, convergem neste autêntico desejo humano que é a visibilidade, cujo fim último é a comunicação de subjetividades pela publicização de posicionamentos das mais diversas naturezas. Analisando a moda pelo ângulo psicanalítico, Navarri (2010) explica o sistema como representante do legítimo desejo de encontrar nos signos visuais os sinais que evitem a indistinta submersão nas massas. A autora argumenta que a partir das roupas os outros nos veem e, por elas, extraem primeiras impressões, fato que robustece o desejo pessoal de ser notado, identificado, diferenciado, admirado ou invejado. Este estudo psicanalítico, então, nos fornece pistas para entender como a vontade de ser notado surge antes das renúncias pulsionais e pode perdurar, impelindo jovens e adultos na busca incessante de meios para se fazer notar.

Por essa análise, a visibilidade adquire relevância psíquica para o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos sujeitos e, por este motivo, se apresenta como força política à medida que notabiliza a pluralidade como prerrogativa legítima nas dimensões sociais e afetivas. Como exposto, novamente rejeitamos o pensamento dicotômico, tanto por defender o apagamento de fronteiras entre essência e aparência como também porque salientamos a importância de infringir os limites simbólicos impostos à visibilidade de grupos não integrados aos padrões de normalidade legados da ética eurocêntrica modernista. Disso resulta que entender a visibilidade do corpo pela dimensão política significa levar em conta os muitos modos de impregnar a aparência com códigos de linguagens que confrontem e desestabilizem os limites convencionados pelo racionalismo monolítico. Esta ideia retira a estética do lugar de superficialidade e superfluidade para tratá-la como materialização de sistemas de valores e modos específicos de posicionamento nas relações sociais. Dewey (2010, p. 87) nos lembra que “o moralista sabe que o sensorial está ligado às emoções, impulsos e apetites” e, exatamente por isso, é o pensamento moralista que nos lembra do gozo como parte indistinta da mútua imbricação espírito e carne. No raciocínio deweyano, a experiência estética

insurge como modo de rearticular as dimensões afetivas com o meio de tal modo que seja possível resgatar os afetos e as artes fora das instituições. Desse modo, a estética adquire preponderância, agora pensada como alternativa de humanização das relações sociais, tendo a unidade corpo-subjetividades-meio como vetor de transformação.

É também nesta direção que se torna possível criar aproximações entre a arte e a moda, considerando que ambas confluem nesta vontade de exposição estilizada do “eu”, tanto pela materialidade discursiva do corpo como pelas linguagens que comunicam sensações. Sendo assim, ao somar as possibilidades de redirecionamento dos códigos morais pela dimensão estética com a profusão de imagens na pós-modernidade, temos a oportunidade de trazer as reflexões pedagógicas ao rol de desafios postos às ciências sociais e humanas no tempo recente.

As aproximações que propomos entre arte-educação e a moda não vão no sentido de insistir em suas intersecções epistemológicas, debate que, por enquanto, não nos interessa, mas tendo em vista pensá-las como força política, como modo de legibilidade das identidades cambiantes na pós-modernidade. Para desenvolvimento desta ideia, o texto será conduzido em duas direções: primeiro pautando o corpo como elemento discursivo e, em seguida, a imagem, sem perder de vista as interpenetrações conceituais destes dois percursos. Este debate se justifica porque, na realidade pós-moderna marcada pela acentuação de apelos imagéticos, arte-educadores se põem diante do desafio de levar em conta os discursos e os estímulos destas imagens como potência discursiva na prática pedagógica. A convergência da tríade corpo-imagem-discurso se apresenta, então, como elemento nodal no recente contexto histórico, carecendo de tratos teórico-metodológicos específicos, que pautem suas interfaces não como meras excentricidades despropositadas de rigor epistêmico, mas, pelo contrário, como substâncias investigativas contextualizadas para fins de emancipação.

O trabalho com arte-educação no Brasil foi, por décadas, mediado quase que unicamente por uma visão cartesiana voltada a um produtivismo e utilitarismo. Tal perspectiva se alinhava à própria origem racionalista da educação escolar ocidental, que sob o lema modernista visou corrigir as contradições e as diferenças. Com isso, historicamente, ensinar artes na escola serviu ao propósito da equalização estética e moral de estudantes em torno dos códigos eruditos herdados da burguesia europeia ocidental.

Por outro lado, foi somente a partir da segunda metade do século XX que tal realidade começou a ser atacada, tanto por estímulo das reflexões pedagógicas na esteira do escolanovismo como também pelo próprio cenário pós-guerra, que apontava mudanças significativas na prática social. A negação da diversidade e da contradição do *homem* moderno se tornou um dos legados educacionais do racionalismo descartiano mais criticados em reflexões pedagógicas pós-modernas. Disso que conceitos como “contextualização” passaram a se fazer presentes em teorias educativas, tendo por base a ideia de que modelos pedagógicos precisam ser reconduzidos a partir de múltiplas realidades locais, de modo que contribuam para articulações entre a prática social cotidiana e o rol de saberes valorados na escola.

A dimensão do corpo só passou a ganhar mais relevo nas reflexões pedagógicas quando, no cenário pós-moderno, grupos, outrora invisibilizados, passaram a contestar o direito de exercício político dentro dos espaços formais de educação. Aliado a isso, também se notou na pós-modernidade o adensamento dos jogos de imagens carregados de afetos e as possibilidades de navegar mais fluidamente entre os múltiplos marcadores visuais de pertencimento. Agora não há necessidade de assumir uma identidade fixa vitalícia, torna-se legítimo circular entre variadas filiações e impregnar o corpo de dizeres plurais sobre pertencimentos provisórios.

Os jovens que adentram a escola neste primeiro quartel do século XXI, chegam com menos convicções identitárias que seus pais e, hoje, mudam a aparência com tamanha ligeireza que dificilmente se consegue dar conta a qual tribo, por hora, pertencem. A sociabilidade pós-moderna, em concordância com Maffesoli (1998), é muito mais mediada pela fugacidade porque nela se busca estar junto momentaneamente, num deleite incessante de novas experiências estéticas efêmeras. Como resultado disso, tem-se jovens altamente expostos a um trânsito descomunal de apelos sensórios, imbuídos da meta de sugerir modos de comportamento pela mobilização do corpo e dos afetos. Pelo celular, pela vestimenta, pelo acessório ou pelo repertório gestual, os sujeitos pós-modernos fantasiam visualmente versões de si mesmos pelo corpo, articulando-o como linguagem cifrada para fins de sociabilidades. Como já mencionado, tal articulação visual ao coletivo é absolutamente pontual e não se pretende a longo prazo, fato este que reforça o quanto a moda integra o processo de sociabilização pela recomposição do “eu-visual”.

Jameson (2000) nos ajuda a entender que esta obsessão pela novidade produz, também, uma melancolia que conduz os sujeitos na apreciação de estéticas do passado. O autor chama atenção para o pastiche como uma característica extremamente presente na pós-modernidade. A estética pretérita agora é acionada e revisitada, não com intuito de transcrição, mas, sim, para fins de recriação que transita o suposto original. Tal característica pós-moderna é perceptível na moda, sobretudo por conta de tendências que periodicamente ressurgem, mas também na arte e na cultura de massa, cuja lógica é resgatar componentes estéticos dos clássicos como ocasião para intervenção criativa.

Algumas problematizações em torno da arte-educação também puderam fazer uso do pastiche e da paródia<sup>6</sup> como vetor criativo, cita-se Efland (2005), por exemplo. Tal realidade se deve ao fato de que, muito diferente do que se pensava na modernidade, a arte-educação hoje não visa criar novos cânones e vanguardas artísticas dentre os educandos. A ideia consiste, inclusive, em considerar o que já foi feito, mas sem perder de vista o poder de intervenção, releitura e recontextualização do original ao ângulo sociocultural do parodista. A proposta triangular de Barbosa (2014), por exemplo, ajuda a compreender como os códigos clássicos de erudição precisam estar presentes no currículo, mas, ao mesmo tempo, como tais obras podem servir de inspiração para um fazer artístico próprio dos estudantes. Pensar num movimento cultural e solicitar aos alunos leitura-contextualização-feitura consiste em partir de conceitos ou tendências estéticas específicas, mas também mesclá-las a um fazer que potencialize uma releitura ativa em todo o processo. Partir dos cânones significa utilizá-los apenas como engate criativo, como mecanismo indutor do impulso imaginativo, não para fins do decalque paralisante, mas para constatar sua transitividade.

A partir do exposto, defendemos que a pós-modernidade pode se afigurar como aliada de uma educação emancipatória, tanto porque produz fissuras nos essencialismos cartesianos, que tanto enrijeceram a escola modernista, como também porque traz à tona a crise de paradigmas, os devires da subjetividade e a materialidade do corpo como potentes ameaças à uniformização segregadora.

Ademais, é preciso lembrar que uma sociedade tão amplamente imagética acaba saturando o campo representacional de apelos estéticos ambivalentes. A popularização dos dispositivos de tecnologias, a imersão nas redes sociais, a sofisticação dos recursos de entretenimento ou os ajun-

---

GUSMÃO, Roney. "Identities", moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022  
Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

tamentos mediados pela estética resultam num emaranhado de ressignificações simbólicas que embaralham sorratamente os binarismos erudito/popular, santo/profano, novo/velho, masculino/feminino... Este fato é acompanhado pelo pastiche e pela paródia que, mais do que qualquer outra linguagem, denunciam a inexistência de um original e, também, exploram a representação caricatural do que se pretendia puro. De um lado, as imagens sobrecarregam as subjetividades de tantos apelos que os sujeitos se perdem em referências, de outro, o pastiche resgata pedaços já inautênticos de estéticas pretéritas e, juntos, reclamam a transitividade das identidades estilizadas pelos infinitos modos de reapropriação.

Do ponto de vista do gênero, que aqui também nos interessa pensar, a pós-modernidade se apresenta como o tempo propício para deslocamento de certezas. Os teóricos da corrente pós-estruturalista já nos têm advertido sobre a instabilidade das identidades modernas, desessencializando a ideia de sujeito e salientando suas inconstâncias. Como já lembramos, em Butler (2020) é possível encontrar uma reflexão muito oportuna para isso, principalmente porque a autora salienta que o sujeito não existe fora do discurso, ou seja, a identidade é puramente performativa, que, de tão reiterada no discurso, cria uma falsa sensação de estabilidade e continuidade. Pela ótica de Butler, o gênero é discursivamente criado com o apoio de objetos, gestualidades e comportamentos. A autora defende que gênero não é nem uma verdade psíquica puramente interna e oculta, nem é redutível à aparência e à superfície; de outro modo Butler (2019) prefere situar o gênero como um jogo entre a psiquê e a aparência. Este “espaço entre” deve ser compreendido como altamente atravessado por relações de poder, que historicamente convencionaram a lente binária como condição de inteligibilidade.

A moda e o espaço, por exemplo, representam alguns destes elementos passíveis de ser agenciados para generificação do sujeito. Assim, se pensarmos na frivolidade como característica comum à moda, à identidade e à arte na pós-modernidade, será possível entender como a arte-educação pode ajudar no enfrentamento de discursos de ódio na escola contra minorias sexuais. Ao inserir a leitura de imagens em sala de aula, arte-educadores, como lembra Barbosa (2014), contribuem para a emancipação diante de tão amplos apelos imagéticos. Aliado a isso, o corpo deve ser considerado na abordagem, até mesmo porque as recentes campanhas de marketing tratam o corpo-espetáculo como matéria-prima fundamental para profusão de discursos voltados ao consumo.

Neste processo, associações com celebridades da música, do cinema ou do futebol impregnam o corpo célebre de dizeres, muito deles associados aos papéis de gênero. Por outro lado, a grande questão é que os marcadores visuais de gênero dentre as celebridades estão cada vez mais ambivalentes. Convicções sobre peças do vestuário, comportamentos ou ambientes adequados para homens ou para mulheres estão sendo transgredidos pela própria necessidade de recomposição da imagem dentre as estrelas contemporâneas, que precisam se reinventar para permanência no mercado.

Os deslocamentos das fronteiras têm sido tão agudos que ideais reguladores de gênero têm sido atravessados por inúmeras possibilidades de existir como homem ou como mulher. Agora salão de beleza não é mais lugar exclusivo para mulheres, nem campo de futebol lugar exclusivo para homens. Corpo malhado deixou de ser prerrogativa única do macho e a sexualidade hoje está longe de ser pauta encontrada tão somente nos círculos masculinos. Os fluxos reposicionam a visibilidade dos corpos em locais fora da lente binária e, portanto, acirram debates sobre o tema.

Também salientamos que, de forma análoga à arte, a moda pode ser utilizada para subversão de padrões de inteligibilidade, o que nos ajuda a entender como os marcadores visuais de identidade são deslocáveis e notar como sua aparente estabilidade não passa de falseamento aos sentidos. No cruzamento moda/arte-educação/identidades, vale frisar que o tempo pós-moderno oportuniza problematizar os dizeres dos corpos-discursos de modo que os câmbios identitários sejam pensados pela lógica da inclusão.

Por fim, é pertinente realçar que o pastiche e a paródia nos têm anunciado que a morte da vanguarda na arte pós-moderna é contemporânea da denúncia pós-estruturalista sobre a inexistência do sujeito como substância universal. Com isso se torna possível afirmar que apresentar-se como homem ou como mulher significa reiterar um léxico comum existente apenas no discurso, logo, identificar-se com certa composição visual do gênero é sempre uma replicação imprecisa e infiel de ideais jamais plenamente consumados (BUTLER, 2020). Com efeito, vale acrescentar que, semelhante a artistas que se inspiram numa forma estética “original” e, sorrateiramente, produzem um novo “original” reestilizado, também os marcadores visuais de gênero são efeitos de replicações imprecisas, apresentando-se como visualidade transitiva, sujeita a novas combinações. A ideia não



consiste em deslegitimar as subjetividades que conduzem os sujeitos a estilizar seus corpos dentro de códigos visuais socialmente convencionados, mas, sim, em reforçar a ficcionalização do ideal regulador de gênero simplificado no prisma binário.

Na arte-educação, a feitura<sup>7</sup> de arte a partir de cânones é ocasião inventiva que rasura as hierarquias sociais codificadas na estética. A releitura pelo fazer artístico, portanto, abre a estética dos cânones a novos deslocamentos, potencializa a criatividade de estudantes e permeabiliza os códigos de erudição. Tais ocasiões oportunizam reverter os essencialismos civilizatórios que impregnam as artes, bem como identificar os códigos visuais de gênero aderidos ao corpo como efeitos reiterados do e no discurso.

## Considerações finais

A proposta triangular nasceu em meio à pressão sentida por arte-educadores frente ao cenário de mudanças na pós-modernidade e, por isso, é aqui entendida como ideia atual e oportuna para se pensar a prática pedagógica no contexto que nos empenhamos em caracterizar. Também pela triangulação de Barbosa (2014), é possível desessencializar os cânones, situando historicamente seus referenciais estéticos, ideia primorosa para se pensar como a esfera simbólica é propícia de deslocamentos e ressignificações.

Por essa abordagem, a estética é tratada como oportunidade de exprimir subjetividades ancoradas em contextos específicos e, como tal, é sujeita a reinterpretções a partir de outros referenciais metamorfoseados no curso do tempo. No concernente à articulação entre arte-educação e moda, entendemos que o trabalho interdisciplinar com outras áreas do saber pode dar resultados análogos à arqueologia foucaultiana. Em outras palavras, trata-se de entender discursos e significantes sempre pelas condições historicamente apresentadas, de tal modo que se denuncie os essencialismos e se deflagrem o caráter social e historicamente construído daquilo que se almeja analisar. Quando entendemos a moda como materialização de disputas no campo simbólico e, ao mesmo tempo, como reificação das relações de poder que afetaram papéis de gênero, fica mais simples reconhecer a vestimenta, os acessórios ou as gesticulações como produtos de subjetivi-

---

GUSMÃO, Roney. "Identidades", moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

dades historicamente situadas. As expectativas impostas ao menino ou à menina, sobre a forma como usarão seus corpos, devem ser inscritas no jogo de significados negociados historicamente na sociedade. Somente assim lembraremos que os velhos argumentos dentro do equivocado e pretensioso prisma “natural” versus “inatural” serviu tão somente para justificar atos de violência e discriminação.

Para tanto, é interessante trazer algumas ideias que também ajudam o trabalho de arte-educadores dentro do tema que aqui trazemos. Cao (2010) propõe trabalhar com fotografias de matérias jornalísticas como modo de fomentar a interpretação de seus dizeres. Surgem questões como: número de figuras masculinas e femininas; profissão dos sujeitos e os estereótipos suscitados nesta correção; relação entre etnia-classe social-notícia. Estas taxonomias são articuladas com discussões que problematizem como os distintos corpos são retratados nas matérias e as interseccionalidades que refletem a política do silêncio, repressão e ocultamento da realidade. A dinâmica promete problematizar os corpos em visibilidade e aqueles que perpetuam em invisibilidade, bem como o modo como estereótipos são reforçados em matérias jornalísticas que expõem sujeitos já estigmatizados com a marca da exclusão. Em adição, podemos também observar a contribuição desta ideia para trabalhar com as imagens de marketing presentes em revistas, jornais ou em anúncios virtuais. Extrair dizeres pelas vestimentas, repensar o modo como elas induzem o consumo ou sugestionam modelos comportamentais ajudam a alertar sobre o caráter nada ingênuo de seus dizeres inseridos em relações de poder.

Ideia semelhante se aplica à proposta de analisar os contos de fadas. Também Cao (2010) sugere estimular um tratamento detalhado dos personagens e das ideologias que envolvem as narrativas de histórias infantis: identificar personagens ativos e passivos; destacar os papéis entre os gêneros; codificação das profissões e suas características; caracterização de classe social, observação de como as vestimentas, gestualidades e acessórios se associam aos referenciais de gênero... O trabalho tem por finalidade estimular a percepção do modo como contos contribuem para a criação de estigmas e, ao mesmo tempo, ajudam a retratar o gênero pela lente binária. A ideia não é simplesmente demonstrar como os contos perpetuam as ideologias, mas também se pode articular a legitimação de outros modos de vida para além dos padrões ali simplificados.

Também nos contos de fada, pode ser feita uma análise minuciosa a respeito das roupas e dos gestos como marcadores sociais, sexuais e culturais de um tempo. Para tal, arte-educadores podem recorrer à técnica do portfólio (virtual, inclusive) como alternativa para se pontuar dizeres sobre o corpo, sobre as vestimentas e sobre as ambiências como elementos sobrepostos à construção discursiva acerca de um personagem. Nesse processo, ao situar as vestimentas como construção social a partir de finalidades morais específicas de um tempo histórico, arte-educadores reforçam o quanto os dispositivos materiais de identidade são utilizados dentro de critérios morais que reforçam estereótipos. Também vale acrescentar que animações recentes parodiam clássicos dos contos de fada, irrompendo com os sistemas binários e recriando papéis de gênero.

Souza (2020), noutra direção, sugere trabalho com mapas mentais, ou seja, recomenda estimular estudantes a esboçarem no papel os sentimentos sobre a cidade. Não se trata de focar na capacidade técnica de desenhar, mas na representação pelo mapeamento das emoções que se tem na cidade. O autor recomenda o auxílio de registros em vídeo, fotografia ou texto como possibilidade de compor o material e conduzir o debate norteado pela seguinte pergunta-geradora: “de quem é esta cidade?” O interessante desta proposta é que se possibilita representar simbolicamente o mundo abstraído e compartilhá-lo de modo a estimular uma visão plural sobre processos cognitivos de interpretação do espaço urbano. Também é possível desconstruir cisões entre subjetividade e materialidade de modo que se valorize o caráter social e histórico da construção das cidades, concebendo-a pela dimensão dos afetos e da imaginação. Aqui, pode-se associar certas espacialidades a práticas socioculturais, de modo que se entenda como as identidades se espacializam em processos ininterruptos de bricolagem. A ideia pode ser também direcionada para entendimento dos nichos e dos territórios sociais que se erigem nas cidades para fins de pautar a diversidade como condição de vida na *polis*.

O mapeamento se apresenta com oportunidade de refletir como também o gênero é espacializado, afinal as demarcações simbólicas entre lugares de homens e lugares de mulheres acabam por revelar que a espacialidade se apresenta como coextensão do corpo e dos seus dizeres (GUSMÃO, 2022). Assim como os discursos em torno do gênero se dão pelo agenciamento de gestos, roupas e acessórios, o espaço também serve para construção de discursos sobre os corpos e as expectativas a eles direcionadas. Dessa forma, pautar o caráter socialmente construído dos discursos que inter-

calam corpo e espaço é modo de estimular reconstruções possíveis, que colapsem binarismos excludentes e chamem os corpos à cena pública. Pensar no espaço como propulsão imaginativa possibilita recriar seus signos e desessencializar seus significados pela mesma ontologia de gerúndios de que falou Butler (2020). Aqui, o espaço se apresenta como ocasião para desencadear discussões em torno das identidades nas diversas áreas do conhecimento, de modo que não se perca de vista a possibilidade emancipatória de seus trânsitos. As roupas, os acessórios, as gestualidades que complexificam a relação corpo-moda para além do capital se impõem na materialidade espacial e nos ajudam a pensar a performatividade do gênero pela impulsão ao aparecimento na vida pública. Vale lembrar que, no século XIX, as mulheres tensionaram as fronteiras de gênero pela contestação política do direito de aparecer e pela presença obstinada no espaço público pela usurpação dos signos de autoridade masculina dispostos nas vestimentas. Esta é uma lição que fica às gerações atuais: contestar a visibilidade como parte da luta pela relevância política e notabilizar o corpo e seus agenciamentos como potência contestatória.

Em palavras finais, vale salientar que nosso esforço neste texto foi no sentido de identificar as possibilidades revolucionárias que se anunciam à arte-educação no contexto pós-moderno. O dionisíaco insurgiu neste artigo como arquétipo para pensar na estética como interessante modo de visibilização do corpo e expressão de subjetividades na pós-modernidade; contudo, vale ressaltar que a lacuna deixada pela perda de referenciais dentre os sujeitos pós-modernos frequentemente tem sido preenchida por regimes neoconservadores oportunistas, que buscam resgatar valores aparentemente consensuais. Com artifício semelhante da política neoliberal reaganista dos anos 1980, valores que soam nobres e incontestáveis, mas servem apenas de fachada para massificação da ideologia fascista, sob o aparente bem comum. Nessa amplidão de tráfego imagético, sistemas de pensamento antidemocráticos encontram a oportunidade de atacar as conquistas legítimas do direito à diversidade. Por isso, a arte-educação reside neste lugar fronteiro, entre aclamar a pós-modernidade pela força subversiva, mas acautelar sobre os riscos da plena abertura despropositada aos estímulos estéticos. Se, de um lado, a perda de referenciais se apresenta como oportunidade de recriação da razão dentro de uma ótica multiforme, de outro, o colapso dos referenciais identitários expõe as subjetividades a este emaranhado de discursos infiltrados nas experiências estéticas. Educar pela arte consiste, também, em estimular a autonomia perceptiva num mundo adensado de apelos signícos, de forma que a estética sirva para emancipação.

---

GUSMÃO, Roney. "Identidades", moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

O fazer sugerido por Barbosa (2014) sempre deve estar acompanhado pelo contextualizar; assim como o ler deve estar totalmente articulado a uma conduta ativa que transcenda a superfície do que é apresentado. Disso resulta que, nas questões de gênero, a arte-educação se apresenta como grande aliada para fins de estímulo à aceitação da diversidade, não para reforçar o atrincheiramento de guetos, mas para desestabilizar limites e reinventar os sentidos de normalidade.

PÓS:

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do "sexo". São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CAO, Marián López. Lugar do outro na educação artística – o olhar como eixo articulador da experiência: uma proposta didática. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2010. p. 187-226.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EFLAND, Arthur. Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno. *In*: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (org.). **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 173-188.
- GUSMÃO, Roney. A força performativa do espaço: rasurando regimes de visibilidade. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 17, p. 140-162, 2022. Disponível: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/42520>. Acesso: 6 jul. 2022.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2000.
- JAMESON, Fredric. Transformações da imagem na pós-modernidade. *In*: JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem**: teorias do pós-moderno e outros ensaios de Fredric Jameson. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p. 115-144.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. São Paulo: Forense Universitária, 2014.
- NAVARRI, Pascale. **Moda & inconsciente**: olhar de uma psicanalista. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- RANCIERE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Ed. 34, 2005.

---

GUSMÃO, Roney. "Identidades", moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022  
Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

SOUZA, Carlos Weiner Mariano. Arte e processo de criação na contemporaneidade: a arte como território de invenção. *In*: ROSENTHAL, Dália; RIZZI, Maria Cristina (org.). **Arte, educação e contemporaneidade**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 41-54.

pós:

---

GUSMÃO, Roney. “Identidades”, moda e arte-educação: pautando a diversidade de gênero na pós-modernidade.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago. 2022  
Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.33870>>

254

## NOTAS

---

- 1 Desenvolvemos pesquisa intitulada "A arte-educação na pós-modernidade", que conta com Bolsa de Iniciação Científica PIBIC e FAPESB.
- 2 O termo "individualismo" não é aqui empregado como comportamento de reclusão ou isolamento, mas como realce às singularidades em confluência com a exacerbação de signos identitários reificados no consumo.
- 3 No sentido universalista segundo o legado iluminista.
- 4 A metáfora do dionísico, ao se referir à pós-modernidade, não está isenta de regulações por esquemas de poder; pelo contrário, a propensão dionísica ao "perder-se na multidão" (MAFFESOLI, 2014) tem um lado perverso que, em tempos de orquestramento algorítmico das relações virtuais, carece de mediação institucional.
- 5 Citam-se o Marxismo, o Idealismo, a filosofia iluminista, o progresso cientificista...
- 6 Menciona-se a paródia como oportunidade de visitar clássicos e recriar seus dizeres. Aqui a paródia não pode ser confundida como plágio, nem como transcrição, mas como uma oportunidade de visita satírica de cânones ou de tendências, acentuando suas particularidades e hiperbolizando seus contornos.
- 7 Trata-se de um dos pilares da Proposta Triangular (BARBOSA, 2014).